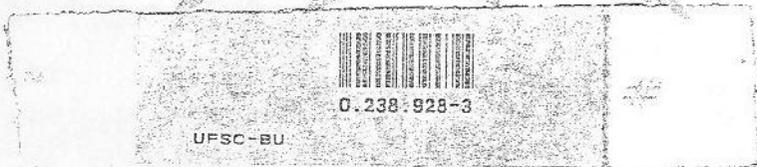
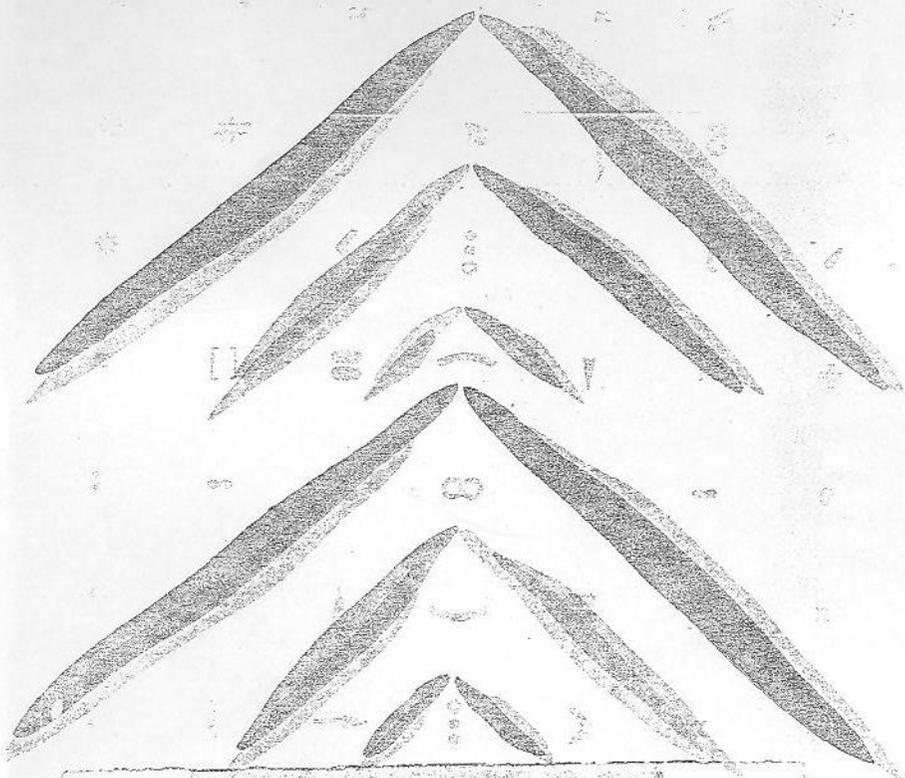


Marcel Mauss foi um dos fundadores da Etnologia e da Antropologia como disciplinas das Ciências Sociais.



ISBN 972-20-1104-9



9 789722 011044

NOVA ENCICLOPÉDIA

44

MANUAL DE ETNOGRAFIA MARCEL MAUSS

MARCEL MAUSS

MANUAL DE ETNOGRAFIA

PREFÁCIO DE DENISE PAULME



397 8459

LICAÇÕES DOM QUIXOTE

VA ENCICLOPÉDIA

2. MÉTODOS DE OBSERVAÇÃO

O método de inquérito extensivo que consiste em ver o maior número de pessoas possível numa zona e num tempo determinados foi largamente praticado numa época em que se tentava, exclusivamente, recolher com a máxima rapidez a maior quantidade possível de objectos que podiam desaparecer e povoar os museus que acabavam de nascer.

O método extensivo permite, num grande número de casos, identificar o local onde um trabalho mais intensivo poderá, em seguida, ser desenvolvido; viajantes qualificados, no decurso de um inquérito de grande amplitude, podem decidir a escolha de certas tribos às quais será necessário voltar. O grande perigo que este método apresenta é o seu carácter superficial: o etnógrafo está apenas de passagem, tendo os objectos sido, muitas vezes, reunidos antes da sua chegada. Outro perigo será, por exemplo, o emprego de critérios linguísticos insuficientes; a necessária elaboração de uma boa carta linguística subordina-se à realização de progressos que devem realizar-se no estudo de cada uma das línguas extra-europeias.

Fazer etnografia extensiva é necessário; não acreditem que seja suficiente. O etnógrafo profissional deverá praticar, de preferência, o método intensivo.

A etnografia *intensiva* consiste na observação aprofundada de uma tribo, observação tão completa, tão desenvolvida quanto possível, sem nada omitir. Um etnógrafo profissional, trabalhando muito bem, pode, por si só, num espaço de três ou quatro anos, proceder ao estudo quase exaustivo de uma tribo.

Só o estudo dos Zuñi, que custou a vida a Cushing, bem como aos Stevenson, compreende sete volumes in 4º do Bureau of American Ethnology. Este trabalho, extraordinariamente condensado, continua a ser insuficiente¹. As instruções aqui publicadas destinam-se a administradores, a colonos desprovidos de formação profissional. Instruções de «desenrascanço», permitirão realizar um trabalho intermédio entre um estudo extensivo e um estudo intensivo da população visada, estudo onde as proporções dos diferentes fenómenos sociais serão respeitadas.

Os trabalhos etnográficos apresentam demasiadas vezes o aspecto de uma caricatura; aquele que se interesse pela museografia negligenciará, com efeito, tudo o que não for cultura material; outro, especializado no estudo das religiões, só verá cultos, santuários e magia; outro observará a organização social e não falará senão de clãs e tótemes; outro ainda só procurará fenómenos económicos.

O observador deve, primeiro que tudo, respeitar as proporções dos diferentes fenómenos sociais².

Plano de estudo de uma sociedade

I. Morfologia social.....	Demografia Geografia humana Tecnomorfologia
II. Fisiologia.....	Técnicas Estética Economia Direito Religião Ciências
III. Fenómenos gerais.....	Língua Fenómenos nacionais Fenómenos internacionais Etiologia colectiva

¹CUSHING (Frank Hamilton). *Outlines of Zuñi creation myths*. U. S. Bureau of American Ethnology, 13th annual report, pp. 321-447. - Id. *A Study of Pueblo Pottery as illustrative of Zuñi culture growth*. U. S. Bureau of American Ethnology, 4th annual report, pp. 467-521. - Id. *Zuñi fetiches*. U. S. Bureau of American Ethnology, 30th annual report. - STEVENSON (Mathilde Coxé). *Ethnobotany of the Zuñi Indians*. U. S. Bureau of American Ethnology, 30th annual report. - Id. *The religious life of the Zuñi child*. Id. *The Sia*. Bureau of American ethnol. 11th ann. rep. - Id. *The Zuñi Indians, Their mythology, fraternities and ceremonies*. U. S. Bureau of Amer. Ethn. 23rd an. rep.

²CE MAUSS (Marcel). *Divisions et proportions des divisions de la sociologie*. Année sociologique, n. s., II, 1924-25, pp. 98-173 e Id. *Fragment d'un plan de sociologie générale descriptive*. Classification et méthodes d'observation des phénomènes généraux de la vie sociale dans les sociétés de type archaïque (phénomènes généraux spécifiques de la vie intérieure de la société). Annales Sociologiques, série A. Sociologie générale, fasc. I, 1934. Poderá, igualmente, consultar-se: BROWN (A. R.). *The Methods of*

I. *Morfologia Social*. - Toda a sociedade se compõe, em primeiro lugar, de uma massa. O estudo dessa sociedade, enquanto massa humana no seu terreno, forma o que se chama a morfologia social, que compreende a *demografia* e a *geografia humana*, cuja importância parece capital. À geografia humana acrescenta-se a *tecnomorfologia*.

II. *A fisiologia social* estuda os fenómenos em si mesmos e nos seus movimentos, já não na massa material inscrita. Classifico aí, segundo o seu grau de materialidade, as *técnicas*, quer dizer, todas as artes e ofícios da produção, sem excepção: a guerra é a arte de destruir, é uma indústria, uma técnica. As técnicas têm como máximo as *ciências*; não há nenhuma sociedade dita primitiva que seja completamente desprovida de ciências. A *estética* continua a ser muito material, mesmo quando parece muito ideal; a estética plástica diferencia-se pouco da técnica. Cada vez menos material, mas comandado por representações colectivas muito claras, o *económico* apresenta, como manifestação, a moeda que se encontra em toda a América e em toda a África. Acima do económico e regendo-o, o *direito*, fenómenos jurídicos e morais. Acima, ainda, a *religião* e a *ciência* que se encontram aqui.

III. *Fenómenos gerais*. - Depois da *língua*, vêm os fenómenos morfológicos, por exemplo a sociedade em geral, os *fenómenos nacionais* (permeabilidade da tribo), depois os fenómenos *internacionais*: o nomadismo pressupõe que uma sociedade pode apascentar os seus carneiros num território que não lhe pertence, ou através de tribos estrangeiras, o que implica uma paz internacional, muitas vezes à distância. A civilização é um fenómeno internacional. O estudo dos fenómenos de civilização compreende o estudo da internacionalização de certos costumes, de certos utensílios. Por fim, vêm os fenómenos propriamente gerais, ou *etiologia colectiva*, o estudo do carácter, da psicologia política nacional e das suas relações com os fenómenos psicológicos, os fenómenos biológicos (exemplo: relação entre a higiene e a mortalidade — ou a não-mortalidade).

Encontrar-se-á aqui um certo número de instruções museográficas a propósito da morfologia social, por um lado, da técnica e da estética, por outro. O inventário dos objectos económicos, do direito e da religião completarão o plano de um estudo museográfico, que estas páginas contêm implicitamente. A museografia de uma sociedade consiste em estabelecer os arquivos materiais desta sociedade; os museus são arquivos.

ethnology and social anthropology. South African Journal of Science, XX, pp. 124-247; e THURNWALD (R.). *Probleme der Völkerpsychologie und Soziologie*. Zeitschrift f. Völkerpsychologie und Soziologie, 1925, I, 1-20.

Métodos de observação

O ideal seria que uma missão não partisse sem o seu geólogo, o seu botânico e os seus etnógrafos. Reduzir-se-iam, deste modo, os encargos gerais; por outro lado, um antropólogo pode revelar-se sociólogo e todos podem ser excelentes museógrafos. Portanto, *partirem vários juntos*.

Encontram-se muitas vezes no local pessoas muito informadas sobre a sociedade indígena: missionários, colonos, oficiais subalternos, não necessariamente franceses, vivendo geralmente muito mais com os indígenas do que os franceses de alta estirpe. Assim se formou o império romano, graças aos centuriões que viviam com os Gauleses.

O primeiro método de trabalho consistirá em iniciar um *diário de viagem* onde se anotar, todas as noites, o trabalho realizado durante o dia: fichas preenchidas e objectos recolhidos entrarão neste diário que constituirá um repertório fácil de consultar.

O investigador fará um *inventário* à medida que recolher os seus objectos de colecção. A todo o objecto recolhido corresponderá, além disso, uma *ficha descritiva* pormenorizada, em duplicado.

Diário de viagem, inventário e fichas constituirão um primeiro elemento de trabalho.

Para muitos viajantes, o essencial do trabalho etnográfico consistirá na reunião e na organização de colecções de objectos. Essa é uma parte da museografia que compreende, também, os processos de conservação e exposição desses objectos. Todos os estudos de propagação para camadas de civilização são ainda classificados, habitualmente, na museografia.

Ramo da etnografia descritiva, a museografia regista os produtos de uma civilização, todos os produtos sob todas as formas. A organização de colecções de objectos apresenta uma importância ao mesmo tempo prática e teórica. Importância prática: as colecções são capitais para conhecer a economia do país; a tecnologia pode colocar-nos na pista das indústrias, melhor que qualquer investigação. Mostrar a criatividade da invenção, o género de criatividade observado. Importância teórica, pela presença de instrumentos que caracterizam um certo tipo de civilização. As colecções de museu continuam a ser o único meio de escrever a história.

O colector construirá séries lógicas, reunindo, se possível, todas as amostras de um mesmo objecto em dimensões, formas, etc., sem recer duplicações e triplicações. A localização é absolutamente necessária; sem ela, o objecto não pode entrar em nenhum museu. Marcar a área de extensão onde o objecto recolhido está em uso.

Cada objecto receberá um número escrito a tinta que remete para um inventário e uma ficha descritiva, dando informações sobre o uso e a fabricação do objecto. A ficha descritiva será acompanhada de vários anexos, em particular de um anexo fotográfico e, se possível, de um anexo cinematográfico. Juntar-se-á um desenho de cada vez que seja necessário mostrar o manuseamento do objecto, um movimento da mão ou do pé (exemplo: para o arco e as flechas, é importante fixar o método de lançamento pela posição dos braços, dos dedos, nos diversos momentos; o ofício da tecelagem é incompreensível sem documentos que mostrem o seu funcionamento). Anotar-se-ão ainda, com muita exactidão, as datas de utilização, tendo certos objectos uma existência sazonal (não nos servimos de uma tesoura de poda no Inverno); um objecto pode, ainda, ser utilizado somente por homens, ou somente por mulheres. Procurar-se-á, enfim, explicar o objecto cujo valor não é somente técnico, mas também religioso ou mágico; uma certa decoração pode corresponder a uma marca de propriedade, ou a uma marca de fabrico, etc...

A elaboração de cartas de distribuição só deve ser efectuada no fim da investigação, de preferência no regresso, quando se tiver a sensação de ter visto tudo. É o resultado de um trabalho e não um método em si. Mas o investigador pode propor-se um fim semelhante durante o seu trabalho, por exemplo, se visitar sucessivamente duas fracções de um mesmo grupo nacional¹. Atingir um resultado semelhante pressupõe a observação de todos os objectos da tribo. Assim, o professor Maunier pôde estabelecer pela estatística que o modelo do tecto cabila é grego e não latino².

O método do inventário utilizado na constituição das colecções de objectos é, em si próprio, apenas um dos meios de observação material utilizados no estudo da morfologia social.

Os métodos de observação dividem-se em métodos de registo e de observação materiais, por um lado, e métodos de observação e registo morais, por outro. Distinção bastante arbitrária, pois a vida social não compreende nenhum elemento puramente material, nem nenhum elemento puramente moral. A música, arte do ideal e do intangível, também age sobre os homens da maneira mais física.

Os métodos de observação material compreendem:

1) *O método morfológico e cartográfico*. — A primeira questão, no estudo de uma sociedade, consiste em saber de que é que se fala. Para isso, organizar-se-á a cartografia completa da sociedade observada, trabalho muitas

¹ Exemplo deste trabalho em SOUSTELLE (Jacques). *La culture matérielle des Lacandon*. Journal de la Société des Américanistes, 1937.

² MAUNIER (René). *La Construction collective de la maison en Kabylie*. Paris, Institut d'Éthnologie, 1926.

vezes difícil: uma sociedade ocupa sempre um espaço determinado, que não é o da sociedade vizinha. Anotar-se-ão cuidadosamente todos os locais onde se tenha verificado a presença de indivíduos pertencentes ao grupo estudado, com o seu número e o número dos seus habitantes, isto nos diferentes momentos do ano. Não existe bom inquérito sociológico que possa limitar-se a menos de um ano. Cartografia da sociedade, cartografia do seu conteúdo: não chega saber desta ou daquela tribo que conta dois ou três mil membros; é preciso situar cada um desses três mil. Recorrer-se-á aqui ao método de recenseamento transposto para o mapa: inventário das pessoas de cada local, tantas casas por aldeias, tantas cabanas e tantos celeiros; cartografia desses celeiros e dessas casas. Uma família extensa do Sudão é, geralmente, uma família extensa indivisa, distribuída à volta de um pátio; um clã habitará um quarteirão. Vê-se, assim, aparecer, de imediato, materialmente, estruturas sociais muito desenvolvidas. Utilizar, se possível, fotografias tiradas de avião.

▲ A estatística geográfica e demográfica é indispensável; é a base de todo o trabalho.

Cada instalação de uma família extensa, de cada clã que compõe a nação, encontra-se, assim, isolada; poder-se-á, neste momento, fazer o inventário de cada casa, de cada santuário, desde as fundações até ao tecto: Leenhardt descobriu assim o totem no cume do telhado da cabana canaca.

O inventário deve ser completo, com localização exacta, por idades, por sexos, por classe. O método do inventário compreende uma cartografia precisa de cada sítio onde são reunidos os objectos: plantas de casas, plantas de andares, se for o caso.

O registo material assim obtido constituirá a base indispensável de qualquer trabalho.

Para este registo material recorrer-se-á, também, ao método fotográfico e ao método fonográfico.

2) *Método fotográfico*. — Todos os objectos devem ser fotografados, de preferência sem pose. A telefotografia permitirá obter conjuntos consideráveis. Não se servir dos mesmos aparelhos em países quentes e em países frios, nem dos mesmos filmes; e, em princípio, revelar o mais depressa possível.

Nunca serão demais as fotos que se tirarem, na condição de serem todas comentadas e exactamente localizadas: hora, lugar, distância. Pôr-se-ão estas indicações tanto no filme como no diário.

O cinema permitirá fotografar a vida. Não esquecer o estereo. Podemos filmar as representações dramáticas na Libéria, a transumância de tribos inteiras no Aurés argelino.

O registo fonográfico, o registo em filmes sonoros permitem-nos verificar

a entrada do mundo moral no mundo material problema do registo moral.

3) *Método fonográfico*. — Registo fonográfico e em filmes sonoros. Não se registará somente a voz humana, mas toda a música, anotando os batimentos dos pés e das mãos. Por cada registo, transcrever os textos e, se possível, dar a tradução com comentário. Não chega registar; é preciso poder repetir.

4) *Método filológico*. — Pressupõe o conhecimento da língua indígena. Estabelecer-se-á uma recolha completa de todos os textos ouvidos, incluindo os mais vulgares, que não são nunca os menos importantes. Transcrever todas as palavras indígenas na língua indígena, separando as palavras, o que é muito difícil. Anotar-se-á a música; se se tratar de línguas com tons, anotar, de igual modo, um sinal fonético qualquer.

Tentar-se-á encontrar recolhas indígenas e informantes capazes de fornecer uma tradição constante. Um bom meio de aprender a língua do país é recorrer às bíblias já publicadas nos países de missão. Para cada texto, fornecer todos os comentários indígenas possíveis - não os vossos. Excelentes exemplos de publicações são os dos livros de M. Leenhardt¹.

Em princípio, o registo filológico deve ser feito palavra a palavra, e palavra francesa por baixo da indígena; nenhuma violação da sintaxe indígena, nenhuns floreios na vossa tradução: a algaraviada o mais directamente possível. A tradução justilinear, juntar-se-á um texto em francês² que dará a imagem do texto indígena. Se se junta uma palavra, pô-la entre parêntesis rectos; marcar a linha do texto indígena no texto francês. Separação completa dos parágrafos.

Anotar versos, indicando as longas e as breves, os tempos fortes e os tempos fracos.

Muito bons exemplos de publicações destas são, além dos livros de M. Leenhardt, os livros de Thalbitzer³ sobre a Gronelândia e os de Malinowski sobre os Trobriandeses⁴.

5) *Método Sociológico*. — Consistirá, primeiro que tudo, na história da

¹ LEENHARDT (M.), *Notes d'ethnologie néo-calédonienne*, Paris, Institut d'Ethnologie, 1930; *Documents néo-calédoniens*, Paris, Institut d'Ethnologie, 1932; *Vocabulaire et Grammaire de la langue Houailou*, Paris, Institut d'Ethnologie, 1935; *Gens de la grande Terre*, Paris, Gallimard, 1935.

² Respeitando o espírito dos responsáveis pela edição destas *Instruções*, que pretendiam dar o retrato falado das lições proferidas pelo Autor, não se fez a adaptação ao meio português. (V. do T.)

³ THALBITZER (William), *Légendes et chants esquimaux du Groenland*, trad. do dinamarquês, Paris, Leroux, 1929; ver, igualmente, *The Ammasalik Eskimo. Contributions to the ethnology of the East Greenland Natives*, Copenhagen, 1923. In two parts: 2^a parte, n^os 1 e 2. H. THUREN, *On the Eskimo Music*, - W. THALBITZER e H. THUREN, *Melodies from East Greenland*, n^o 3. - W. THALBITZER, *Language and Folklore*.

⁴ MALINOWSKI (B.), Ver, nomeadamente, *Coral Gardens and their magic*, Londres, 1935.

sociedade. Um bom modelo de trabalho a seguir é o livro de Montagne sobre os Berberes¹.

Poder-se-á fazer em pormenor a história de uma tribo remontando, no mínimo, a três ou quatro gerações anteriores, quer dizer, a 100 ou 150 anos atrás. Para isso, interrogar os velhos, cuja memória é, em geral, perfeitamente exacta. Encontrar-se-á um extremo rigor nas localizações geográficas².

A sociedade compõe-se sempre de subgrupos: tribos, clãs, fratrias. Cada um destes grupos deve ser objecto de um estudo; a organização militar não será esquecida. Tudo isso está registado na memória dos interessados. Far-se-á, portanto, o estudo das histórias de família. Um método superior é o método genealógico, que consiste em elaborar a genealogia de todos os indivíduos recenseados. Nomes de parentes, nomes de aliados aparecerão imediatamente. As histórias individuais confirmar-se-ão; saber-se-á que numa época determinada, e não noutra, certo homem chamava a outro seu irmão.

O método autobiográfico, que consiste em pedir a biografia a certos indígenas, usado por Radin, deu excelentes resultados³.

As informações assim obtidas serão confirmadas com o auxílio das estatísticas. É assim que as genealogias recolhidas por Thurnwald nas ilhas Salomão fazem aparecer nos números de mortes mais 8% de mortes violentas⁴.

Por fim, só em último caso nos serviremos do interrogatório.

A utilização simultânea destes diferentes métodos permitirá não só chegar à fixação das massas, mas também à fixação dos indivíduos no interior dessas massas. Este conhecimento individual é de uma utilidade considerável.

O etnógrafo que trabalha de uma maneira extensiva não poderá empregar muito estes métodos. Quando muito, poderá entender-se com certos colonos ou administradores que colaborarão com ele à distância e assinalarão factos interessantes. A vantagem de uma missão que inclui diversos membros aparece aqui de uma maneira muito clara. A confirmação, sempre indispensável, poderá ser facilmente feita por três ou quatro colegas, trabalhando sobre momentos diferentes da vida tribal.

Para ser rigorosa, uma observação deve ser completa: onde, por quem, quando, como, porquê se faz ou se fez tal coisa. Trata-se de reproduzir a vida indígena, não de proceder com base em impressões; de fazer séries e não panóplas.

¹ MONTAGNE (Robert). *Villages et kasbas berbères*. Paris, Alcan, 1930.

² Estudo da constituição ashanti em RATTRAY. *Ashanti law and constitution*. Oxford, 1929.

³ Cf. RADIN (P.). *The Winnebago tribe*. 37th Annual Report of the Bureau of American Ethnology, Washington, 1923.

⁴ THURNWALD (R.). *Adventures of a tribe in new Guinea (The Tjimundo)*. Essays presented to C. G. Seligman. Londres, 1934.

TIPOS DE MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO

BROWN (A. R.). *The Andaman Islanders*. Londres, 1922. - *Census of India*. Quadros e relatórios. Um volume por Estado. Um volume sobre o conjunto da Índia, 1903. - FIRTH (R. W.). *Primitive Economics of the New Zealand Maori*. Londres, 1929; *We, the Tikopia*. Londres, 1936. - HUNTER (Monica). *Reaction to conquest*. (África do Sul). Oxford, 1936. - JUNOD (H. A.). *Mœurs et coutumes des Bantous*. Paris, 1936. - MALINOWSKI (B.). *Argonauts of the Western Pacific*. Londres, 1922; *La Vie sexuelle des sauvages du Nord-Ouest de la Mélanésie*, trad. do inglês. Paris, 1933. - MILLS (J. P.). *The Lhota Nagas*. Londres, 1922. - RIVERS (W. H. R.). *The Todas*. Londres, 1906. - SELIGMANN (C. G. e B. Z.). *The Veddas*. 1911. - SKEAT (W. W.) e BLAGDEN (E. O.). *Pagan races of the Malay Peninsula*. Londres, 1906. 2 vols.

Ver igualmente, sobre a América do Norte, todos os Relatórios da Smithsonian Institution de Washington: Reports of the secretary; annual reports of the Bureau of American Ethnology to the secretary of the..., Bureau of American Ethnology. Bulletins.